

DEPOSITO LEGAL

# MARIA RITA

SEMANARIO

HYMORISTICO

Revista literária de

ARNALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO SÉRGIO

OCTAVIO SÉRGIO



## Varões assinalados



O "Bento,, é bom bailador  
Baila, baila e rodopia  
Do Pôrto para Azemeis  
D'Azemeis p'ra Academia.



Propriedade da Empresa do Magazine "Civilização" L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

*Continente e Ilhas*

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

*Colónias*

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

*Estrangeiro*

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

## ATWATER KENT RADIO

com o maravilhoso aperfeiçoamento  
A Luz Néon de Sintonização



A' medida que se vai dando volta ao selector, procurando o pôsto que se pretende ouvir, uma coluna de luz sobe gradualmente no tubo Néon,



que se vê à direita do mostrador. Quando a luz chega ao ponto mais alto do tubo, o receptor está perfeitamente sintonizado. Esta luz vermelho-alaranjada indica as estações de uma maneira clara, exacta, infalível e instantânea.

Êste novo e interessante melhoramento, reunido aos outros aperfeiçoamentos dos novos modelos, permite que ATWATER KENT RÁDIO continue a manter a sua posição de grande marca.



## Electrónia, L.<sup>da</sup>

PRAÇA DA BATALHA, 119

TELEFONE: 5800

PORTO

Distribuidores Gerais para o Norte

De Lisboa a Rio Tinto  
Correndo o País inteiro,  
Há muita gente que é PINTO  
Mas há só um CAMISEIRO.

Rua dos Clérigos — PORTO

## Nas Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO

todos os artigos  
têm um cunho  
parisiense inex-  
::: cedível :::

## AUX GALERIES LAFAYETTE



# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Estou hoje muito melancólico.

Imagina: Vai divorciar-se o Ricardo.

Tu não conheces o Ricardo? E' o meu melhor amigo; e é, ou era, casado com uma rapariga muito simpática. Saiu de aqui agora mesmo, pálido, desfeito, com o olhar vitreo. E contou-me tudo. Vão divorciar-se. E é por causa de um fósforo. Há quem diga que o divórcio é uma estupidez. Será? Neste caso infeliz, não foi porém a falta de fósforo que o determinou.

Este meu amigo era um rapaz ponderoso e cumpridor, que vivia «naquele engano de alma lédo e cego» em que vive tódá a nossa burguesia (e em que viveu a Inês de Castro até ao dia em que o Dr. Júlio Dantas a raptou a Antónia Ferreira). Um dia, porém, leu nos jornais um desses muitos anúncios em que a Companhia de Fósforos, guerreando-se umas às outras, e guerreando todas o isqueiro — estendem iscas chorudas a quem mais palitos acender. E' o que se chama uma luta acésa.

Aqui, prometem-te uma pianola se juntares os fundos de cinco caixinhas, — e te sair premiada a senha respectiva, quando a pianola andar à roda.

Além, terás um côco que talvez te sirva, se colares num papel as etiquetas de doze caixinhas miraculosas.

Por trás dos rótulos de outras caixinhas, encontrarás fragmentos de um mapa do Estado Maior, — e serás um Crespo se conseguires formar o mapa.

Encontras brindes por trás das quinas nacionais, fortunas nas costas de D. Afonso Henriques, e até a Severa te assevera, ao dar-te com a tampa da caixinha onde se refugiou do Vimioso, que serás omnipotente se fizeres colecção de Severas — sem a tua mulher saber.

Enfim, — uma loucura! Não há casa de Lisboa que não tenha as caixinhas de molho — mesmo sem estarem as do vizinho a arder. As companhias prometem tudo, e pagam tudo; só pelos fósforos que não tem cabeça é que não pagam nada.

Ora, este meu amigo apaixonou-se pela pesquisa do ouro, ou mesmo da prata. A sede dos metais preciosos, que faz com que, às 5 da tarde, não se possa romper na rua do Ouro, nem mesmo na rua da Prata, atacou-o, ao ler um dos tais anúncios. E o caso tornou-se fósforico.

Se a chama é encarnada, o fósforo é de prata. Se é verde e encarnada, é de ouro. Se é amarela, o fósforo é de pau. Mas muitas vezes há dúvidas; e, na dúvida, o meu amigo escarafunchava quanto fósforo acendia; — passou a andar com as unhas de luto — e a sogra deu sorte, por ser na família a única pessoa da geração transacta; a única de quem podia prever-se, quando não esperar-se, um passamento a curto prazo... A coisa começou por aí.

Pouco a pouco — devo dizê-lo — a mania do Ricardo agravava-se. Ia para a Rotunda a ver se lhe saía um fósforo verde e encarnado; com o vento, via-se azul; e branco como a cal da parede, metia nos bolsos os fósforos ardidos, para verificar bem, em casa, se algum deles tinha a cabeça rachada do precioso metal. Apanhava os fósforos que os outros distraidamente deixavam fora; dava cabo dos fatos; tornava-se, de um rapaz impecavelmente elegante, num desleixado sem remédio. As cenas, em casa, eram constantes.

Um dia, por estranho que pareça, bateu certo. Zás! Uma chamazinha pirotécnica, o coração no batuque, e um alfinetinho de prata na cabeça do fósforo. Prata? Talvez fôsse cuproníquel... Mas que importava! Quando juntasse dez — já podia oferecer à sogra um par de jarras, se lhe sássem. Calou-se, muito bem calado, guardou o fósforo maravilhoso na caixinha dos sélos, sobre a secretária, — e saiu ufano.

Ao voltar a casa, encontrou a cara metade capaz de lhe destruir metade da cara.

— Parece impossível, Ricardo! Escrevi à Lóló, fui à tua secretária buscar uma estampilha, veio um fósforo queimado colado a ela, e eu lambi-o sem querer! Tudo te serve de ciuzeiro! E' demais!

Ele sorriu, com um ar superior que a irritou, e perguntou muito calmo:

— E o que fizeste ao fósforo?

— Deitei-o à pia!

Desisto, MARIA RITA, de te contar o seguimento. Mas vais já saber a conclusão.

Há bocadinho, quis ainda convencê-lo de que o melhor era arranjar uma plataforma, conciliar as coisas. E gabei-lhe, como me cumpria, as virtudes da mulher. Olhou-me quasi com rancor, murmurando em tom cavo:

— Não valia um fósforo!

E tirou do bolso, voluptuosamente, a caixinha, e acendeu um cigarro, um cigarro qualquer, a olhar muito para a chama contente — que era amarela como o desespero.

\*

De há uns tempos a esta parte, a gente vê pelas montras, pelas esquinas, por tódá a parte, letreiros pacatos onde se lê: — amai a Paz; desejai a Paz; louvai a Paz; procurai a Paz. E' uma invasão de Paz, capaz de sufocar os mais aguerridos.

De mim para comigo, sempre considerei aqueles papelinhos uma coisa inofensiva e simpática: — uma espécie de cartões de visita da Utopia, que é uma mulher encantadora. Via o mundo cada vez mais agitado, os ânimos cada vez mais irreconciliáveis, mas enfim, desejai a Paz, promovei a Paz... E como sou bom rapaz, não dizia nada.

Afinal a coisa pegou.

Acaba de dar-se em Lisboa uma reconciliação tão fulminante, tão pacífica, — que põe o Pacífico a marulhar numa alcofa.

Imagina tu que o *Século* e o *Noticias*, unidos, vão promover a festa dos ardinias.

São mercedores de tudo, os ardinias. Lisboa não tem, tirante os pardais, passaritos que melhor cantem, que melhor võem.

Mas que, seja por que motivo fôr, se unam *O Século* e o *Noticias*, — é de escachar! Que montanhas de ódios familiares foi preciso arrasar! Que ondas de prevenção foi preciso vencer!...

Oxalá que dure. Romeu e Julieta, que também procuravam a Paz, não galgaram maiores abismos. E' de crer que, sob a sua capa de enamorado, o Sr. Eduardo Schwalbach tenha subido com alvorção e comoção a escadinha de seda ao tópo da qual o aguardavam, fulvas e virginais, as tranças loiras do Sr. Pereira da Rosa.

E a lua... E as estrelas... E os rouxinóis...

Que suave idílio! Que auspicioso enlace! Prolongue a Paz...

\*

Afinal, morreu Nuno Alvares Pereira e resuscitou a 24 de Julho. Tenho que dar o dito por não dito, — coisa que custa bastante, quando se trata de um dito de espirito.

E mais. A Avenida da Liberdade vai ser prolongada, cortando o Parque Eduardo VII. Desta vez é que a Liberdade vai parar à Penitenciária; mas não pára lá. Pelo visto, será prolongada, até se sumir na Porcalhota.

\*

Anda o diabo à solta. No Chili, o Direito teve um *chiltique* e fêz-se uma revolução redentora em que o primeiro cuidado da Junta Revolucionária foi mandar a polícia rapinar todo o oiro das ourivesarias. Os cordões de polícia, na colossal lombriça da América do Sul, passaram a ser de oiro. Entre nós, os cordões de oiro

eram das sopeiras; e as sopeiras é que em geral eram dos polícias. Lá é mais directo. Mais simples.

E entretanto, a Alemanha arma-se até aos dentes; — correu com o Bruning, que era manso. Alcandorou o von Papan, que é bravo. E a França, atordoada pela voz das urnas, deixa correr o marfim; todos os seus rancores são contra Mussolini; todos os seus receios vão a Roma. — E não võem o Papan.

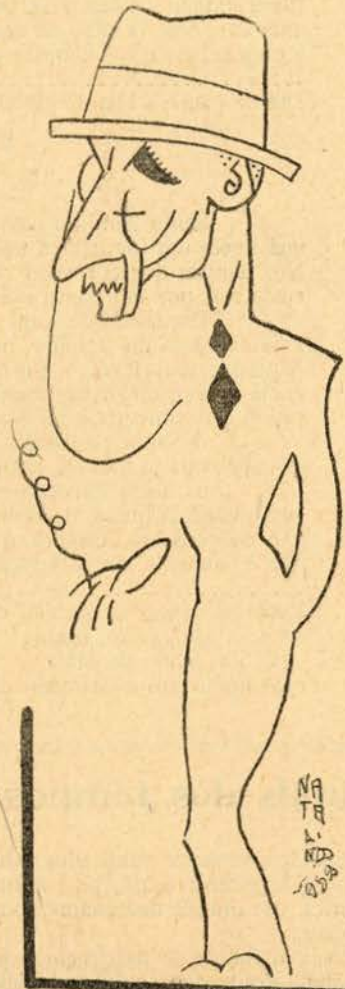
Muitas saúdaes do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

## ANUNCIOS da MARIA RITA

**ALUGA-SE:** um bocado de toucinho próprio para dar gosto ao cozido. Quem o gastar paga-o. Barátissimo. 10 minutos de aluguer, uma coroa ao mês; fazem-se abatimentos. Expressamente proibido chupá-lo. Escrever, pedindo detalhes à MARIA RITA.

**PASSA-SE,** por motivo de falta de saúde, uma bronquite dupla. Não se aceitam intermediários.



O Sr. General Vicente de Freitas visto por Natalino



# Rés-do-chão

## Balancete da semana

Temos em casa um clássico Vicente,  
— gato «vulgaris de Linneu», — que passa  
a tarde a ronronar,  
cauda marcando no ar, ritmicamente,  
um compasso binário, com tal graça,  
que até nos faz pensar...  
Há dias, o bichano foi, à noite,  
à Semana do Livro. E como não  
topasse ali, no imenso barracão,  
recanto onde se acoite,  
recolheu cedo a casa. Vinha triste,  
mal humorado até.  
Preguntei-lhe a razão. De cauda em riste,  
respondeu-nos: — «Patrão. Não sei porquê...  
«Gato de raça? Não! — Um espantalho! —  
«E a única razão do mau humor,  
«é ter visto êsses *Gatos* do Fialho,  
« — livres da sanha dum amolador!»

\*  
\* \*

Dia de S. Camões. Dia de gala.  
Que triste sorte a minha!  
Perdi quinze tostões, uma bengala,  
uma excelente ocasião de amá-la  
e uma sessão no «Olimpia» co'a priminha...  
.....  
Dia de gala? — Dia de galinha!

\*  
\* \*

Santo António passou  
quási sem um foguete cá no burgo.  
Nos tempos que correndo vão, não dou  
cinco reis por um Santo taumaturgo...  
Esquecida de todo  
a Santa Clara do Bomfim, parece.  
A piedade envelhece — e o nosso povo  
gosta de ver surgir um Santo novo,  
pródigo no milagre e na benesse.  
A Santa Bernardina  
— talvez por já não ser muito menina  
na nossa devoção —  
jaz, esquecida quási, no Bomfim...  
E o pobre Santo António, quanto a mim,  
não é Santo de longa duração...  
.....  
Entre os Santos de Aldeia, vila ou praia,  
um, creio, ficará:  
— E' um Santo da Maia  
cujo nome não é chamado cá!

Frei-SATAN.

## Sinais dos tempos

Segundo telegramas publicados, sabe-se que a Inglaterra acusa, pela última estatística, um grande decrescimento na natalidade.

Nunca o índice de nascimentos foi tão baixo, desde que se fazem estatísticas.

Mais dizem os telegramas que a opinião pública anda alarmada com êste

facto, que a seguir neste decrescimento atirá a baixo o poder dos ingleses.

Nós, porém, que tudo sabemos, podemos garantir que a falta de nascimentos se filia simplesmente no abandono do estalão ouro.

Voltem os ingleses ao antigo padrão, e verão como os nascimentos brotam, *quási* espontâneamente.

E em último caso, poder-lhe-emos mandar daqui o Nascimento Neto e o Nascimento Fernandes.

## Grande Concurso Hípico

Nos dias 24, 25 e 26  
no Campo do Bessa

Está mais do que provado que Portugal é o país dos concursos. Não há jornal nenhum que não tenha inventado um concurso, nem criatura nenhuma, por menos jogadora que seja, ou interesseira que pareça, que não tenha corrido a algum. A própria MARIA RITA que ainda no Sábado passado sorteara um magnífico aparelho de T. S. F. marca R. C. A., vai iniciar no próximo Sábado o mais mirabolante, interessante, estonteante e pirlampante concurso de **Pim-pam-pum** que foi dado ver aos olhos da humanidade, se é que a humanidade tem olhos, como a Providência.

Mas aqui não trataremos disso. Simplesmente anunciaremos aos nossos sacrificados leitores, — e ao dizer sacrificados caem-nos as lágrimas em fio, — que na próxima semana, no

### Campo do Bessa

(Corridas sem bandeirada)

se vão iniciar as grandes provas hípicas, típicas e miríficas, que é costume nesta época do ano.

E a MARIA RITA, que já mandou fazer uma farpela nova, vai sentar-se no meio de tôdas as elegâncias portuenses para depois contar o que presenciou, com o handicap de três obstáculos pela frente: a compra de um bilhete, a objectiva do sr. D. Alvaro de Paiva, e o cravo do sr. Cunha da Rasa.

### Os cavalos inscritos

Antigamente as inscrições eram de Estado no valor de cem mil reis e tinham o juro de 3 0/0; agora as inscrições cavallares para os concursos hípicos, são internacionais, raríssimas vezes dão juro, e custam um dinheirão.

A-pesar disso, a MARIA RITA fez um esforço e mandou que das suas cavaliariças fôssem inscritos os seguintes cavalos:

O cavalo «Vapor» — Admirável bicho filho de pura água.

O cavalo branco de Napoleão — Magnífica estampa, cuja cor ninguém sabe qual é.

O «Pegaso» — Cavalgado por quem sabe o que é.

O cavalo de Tróia — Que êste ano se encontra numa forma magnífica.

Os cavalos de Fão — Que foram premiados na roleta

E o burro de Buridan — Que dá o salto da morte.





Do Diário de Notícias:

## Dois num automóvel

*MENINA de boa família, que queira ir a Fátima em boa camaradagem, escreva para agência de anúncios. Rua Retroseiros, 147. V B.*

Palavra de honra se nós conseguimos perceber este anúncio. Para que foi que o cavalheiro convidou uma menina de boa família, se afinal só cabiam dois no automóvel? Mesmo que a família fôsse má, ou pequena, que importaria isso ao senhor dos Retroseiros?

E logo, um passeio até à Fátima, um local sagrado, depois de uma peregrinação em boa camaradagem!... Só se fôsse para pedir perdão em seguida do mal que fizeram na viagem.

## PERFIS DO PORTO

IX

### MAJOR OLIVEIRA



Um homem que se bate com a Tuberculose.

deixou de pagar a este seu criado, porque nunca lá foi receber nada.

Na esquina da rua do Tribunal Artimanha, existe o Pomar dos Deuses.

Nos meus tempos de rapaz e lá na minha terra, chamava-se pomar a uma superfície mais ou menos quadrada, plantada a árvores de fruto, mas como agora a escola já não é risonha nem franca, francamente, não me cabe na pinha que se chame pomar a uma casa em cujas prateleiras os frutos nascem e apodrecem se os não comem... os Deuses. E vê-los?...

Como Vossas Encênsias estão vendo, vale bem a pena o sacrifício do tempo que se perde numa viagem à Sibéria. Além disso, existem lá várias babearias a dez tostões, que também cortam o cabelo às escadinhas, às damas costureiras. A mais importante, é a dos irmãos Rodolfos Valentinos.

Também é povoada por talhos de açougues que estão fechados às sextas-feiras, por causa das moscas.

Há lá várias concessões estrangeiras como a casa Liege, com rebuçados e balões para crianças; a Casa Bruxelas, a Chapelaria Belga, e Pérola da China Changaisada, a Pérola Indiana e a Pensão La Fontainne com a barriga encolhida.

Também lá há uma alfaiataria num primeiro andar à esquerda quem sobe para cima. O seu proprietário-Gerente-Técnico, diplomado pela Universidade das Belas-Tesouras, Sr. José Simão Botelho da Veiga, tem duas qualidades capitais. E' muito amoroso e pega bem os fregueses. O que êle quer, é freguesia boa e que pague bem.

O mais belo panorama, disfruta-se à porta das residências de quem lá reside, às nove horas e pouco, hora a que mal despertem do sono abrem a porta os Pais para mandarem as sopeiras (quem pudera manter este luxo) pôr uns baldes, por alcunha de recipientes, no passeio.

Pouco depois, surge um formidável camião arrastando vagarosamente a asa e uns vultos envergando uns fatos de macaco (suprema ironia humana) vão destampando êsses cujos tamboures que contém lixo e despejando dentro da bocarra do monstro.

Claro está, que aquilo, a-pesar-da rua estar deserta (ó bem quirrida) cinzas e mais detritos, vão poizar de mansinho nos passeios e no leito da estrada, para não serem respirados, causando assim a tuberculose e outras doenças malignas aos transeuntes, que só muito mais tarde começam a surgir para a faina quotidiana.

Felizmente, este serviçinho é feito a horas mortas e foi para isto precisamente que foi criada e educada a Dona Liga Profilática.

E, com isto não os infados mais, porque já devem ter a perfeita ilusão do que representa no mundo, aquela faxa de terra enormemente à beira mar semeada, à qual o vulgo chama Sibéria Setentrional.

PAIZU.

## Casos da rua

### Infasto acontecimento

Fausto da Silva foi o protagonista de uma catástrofe horrível passada na pretérita quinta-feira. Foi o caso que o diabo lhe meteu em cabeça a necessidade de lavar os dois pés no mesmo dia e a hora a que a sua esposa tinha ido a um chá do Lelo & Irmão.

Tomada a resolução, Fausto da Silva meteu-se na cozinha e mergulhou as plantas e os calos num suavíssimo alguidar de barro vidrado. Sua excelente esposa, que é muito impressionável, entrou no momento preciso, e julgando que seu marido tentava suicidar-se, teve um colapso de que lhe resultou a morte.

Fausto da Silva está inconsolável e diz a tôdas as visitas que parece impossível que uma coisa tão simples como é lavar os pés, lhe não tivesse ocorrido há mais tempo.

Forçadíssimo, por motivos de força maior, a fazer uma viagem que se prolongou mais do que esperava, faltei ao cumprimento da minha promessa no passado número, ainda que involuntariamente, pela arrelia da falta de comunicações.

Viajar, tôda a gente viaja, mas saber viajar... nem todos o sabem. E, nesta altura, vamos entrar precisamente, na minha primeira aventura.

Vossas Reverendíssimas sabem onde é a Sibéria?

E' muito longe! Tão longe, que há quem diga (e eu estou autorizado a confirmar) que fica situada a 28967 graus de longitude Noroeste.

A sua altitude, não é medieval, por isso é desconhecida na opinião dos Bifes-Trotters. Latitude, não tem e ninguém sabe a razão. Há até quem diga que está off-sid; mas é mentira, porque todos viram.

Para se lá chegar, tem-se de dar uma grande volta ao globo terrestre, equestre e pedestre. Em seguida, circunda-se o emisfério, planisfério e o cemitério. Depois, mete-se o cadáver efervescente do moribundo num submarino e estamos no Ultramarino com emissão de notas médias e extra-curtas. A Sibéria, é um grande país de sonhos e a prova reside na sua principal flora que é a cocaína, e a glicerina e a fosfoglicina por causa do frio.

Os habitantes da Sibéria, são Siberianos. Todos tem a remise à excepção dos cães vadios sistema Vasqus e Charabys.

O que de mais esplendente lá se encontra, é a sua rua principal, chamada Cedofetta. Ali, colle-se a perfeiússima ilusão do que são aquelas paragens zonas.

Foi a primeira rua arteriana que ali se construiu de Pinho (e ainda lá existe hoje uma casa que bem o denuncia) e por aquela razão, é que lhe puseram o nome de Cedo-feita.

Começa num jardim desconhecido, segundo me afirmou um soldado, e termina na rua da Pusevista-Pôrto, domingo às 23 horas no Campo do Lima, geral mais crôa.

Existem lá várias farmácias com turnos diurnos e co-turnos nocturnos.

A primeira, é do Pai e dos Filhos, segundo Lénos.

Depois de rompermos meias solas a caminhar o dia inteiro, encontramos a segunda, sistema Pombalino sem bombas, mas com Pombeiros.

Mais adiante, está o Figueiredo, que vende Petróleo.

Já conhecia ourivesarias que venderam açúcar, mas farmácias a vender Petróleo, só por blague.

A mais importante, a que rivaliza com as suas congéneres Parisienses do Século XV, é a do Carneiro com óculos. Mobiliário todo estilo século dito, possuindo um relógio comprado num leilão, a especialidade desta casa são guardachuvas.

O Sampaio e sua Ex.<sup>ma</sup> Família, estão bons, muito obrigado, e encontram-se de serviço permanente a qualquer hora, especialmedte das 9 às 7. Não fecha ao meio-dia, porque não quer. Há quem diga que é por causa das hortaleiras, leiteiras, padeiras, lavadeiras e costureiras que sofrem das frieiras.

A especialidade desta casa, são perfumarias estrangeiras.

Depois de feita esta visita médica, vou fazer umas variações em *St Bemol*, focando em três tempos outras raridades, que eu julgo engraçadas.

**Neto & Irmão:** Eis aqui uma taboleta que causa engodo aos sabichões.

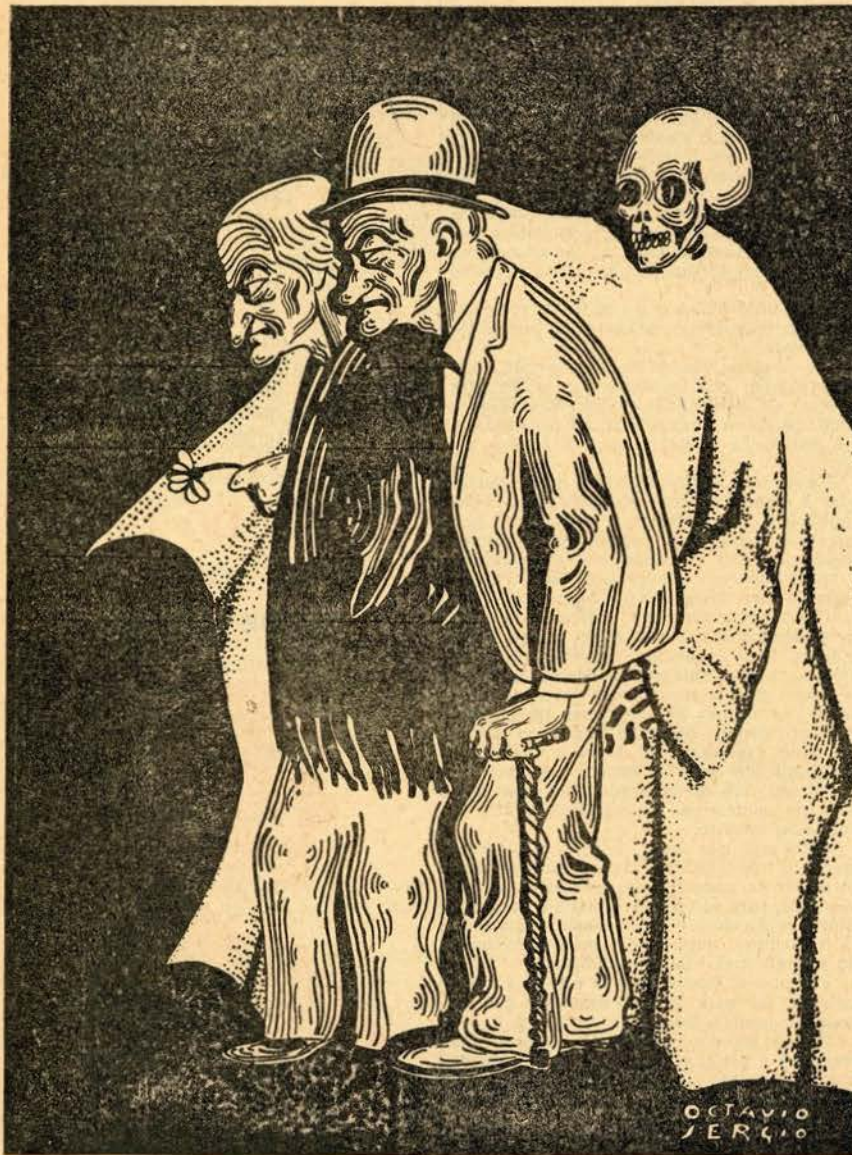
Neto, segundo a constituição basilar da família, rezam os manuscritos à máquina, que é o substantivo aplicado ao filho da Mãe da Mãe, mas estes, fatalmente, são só filhos da Mãe.

E' um problema que só a sabedoria das Nações Alinhavadas poderá resolver.

Além disso, temos o Bazar dos Três Vintens. Recebem bugigangas directamente das principais fábricas estrangeiras e, por isso, vendem tudo a dez tostões.

E' a casa mais honesta da rua. Nunca deixou protestar nenhuma letra, nem tampouco





Ela — *Anda, meu velho, mais um esforço, e chegaremos enfim!*  
Ele — *Fala baixo, sinto que alguém nos persegue.*

## Ilusão d'óptica

Quando por mim passaste, desdenhosa,  
Franzindo os lábios indif'rentemente,  
Num gesto de desprezo, equivalente  
A' suspeição mais baixa e deshonrosa;

E depois, resoluta e rancorosa,  
Rasgaste a minha carta, e de repente,  
Num asco furibundo e repelente,  
Soltaste aquela frase melindrosa,

Ficaste, certamente, acreditada,  
Que as muralhas do Atêroo ou da Afurada,  
Me servissem de vala derradeira!

Mas bem podes mudar os teus pensares,  
Que eu fiquei mais contente em me deixares  
Do que ter de aturar-te a vida inteira.

ALBANUS.

## SALÃO SILVA PORTO

### Exposição Octávio Sérgio

Abre segunda-feira às 15 horas

RETRATOS  
DESENHOS  
CARICATURAS



## Os peixes

Conhecem-se pelo gosto, e dividem-se pelas côres. Eu conheço, por exemplo, os peixinhos vermelhos, que tem uma qualidade especial: nunca ouraram. Durante anos e anos andam à roda de uma taça de cristal e não caem com vertigens.

Há também o peixe espada, que a gente come quasi sempre num dia de ajuntamento. Dá-se muito bem em Espanha.

Também gosto de fanecas quando são fresquinhas. Agora os peixes que mais cotação adquirem no mercado são as lulas e os lulus.

A pescada hoje, quasi não existe. Atribue-se o seu desaparecimento à mania que elas tinham de meter o rabo na própria bôca. Se calhar, comeram-se tôdas a si mesmas.

O que abunda hoje extraordinariamente são os tubarões. Há-os de todos os tamanhos e feitios, desde o tubarão-zinho, até ao tubarãozão que aparece nos bancos especiais.

O bacalhau também é um peixe raro e que só fica bem com umas rodadas de ovos, umas batatinhas e um quatinho do bom. Mas cheira sempre.

A lampreia agora já não é um ciclote: é uma raridade.

O peixe mais usado é a baleia. Come-se frita e serve-se inteira.

## Cartas a tinta negra

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA:

Finalmente  
Cá recebi o seu retrato e carta!  
Naquele, vi que está gordinha e farta;  
Nesta, que anda feliz e está contente.

Pois por cá vão as coisas muito mal,  
Embora aumente a produção da «cera»:  
— Angola está catita e mais faceira,  
Sabe falar de Crise, etc., e tal.  
Está civilizada!  
Anda na moda, a tola da menina,  
Sabe aplicar «batons», anda empoada  
Como uma scécia fina!

Já recebe ministros no «boudoir»,  
Já se mostra em Paris... — Tanta indecência!  
Até admira os filhos da Potência  
Que dizem que a mamã anda «noire»!

Mas é por bem, — como se diz em Sintra.  
O pior, minha ti'MARIA RITA,  
E' que quanto mais ela se espevita  
Mais lhe chamam pelintra.

E quem salva êsse luxo peralvilho  
E' Deus, que em seu pensar grave e profundo  
Distribuiu galinhas pelo mundo  
E deu à dama terras para milho.  
Senão... — a esta hora  
Já se tinha lançado ao mau caminho...  
Adeus, por hoje. Escreva sem demora!  
Cumprimenta-a de cá o

Migue-LINHO.



# Gazetas diárias

Não resistimos à tentação de transver o que diz ao *Primeiro de Janeiro*, seu solícito correspondente da risona freguesia de Aves, do concelho de Santo Tirso. Quem tem destes correspondentes humorísticos tem obrigação de os emprestar por uns dias à MARIA RITA. Vejamos:

## Aves (Santo Tirso)

8 de Junho

### Sinos novos

Devem chegar dentro em breves dias os novos sinos da igreja das Aves para serem guindados à nova torre que lhes está destinada.

*Dizem-nos que só um sino falta para produzir o som de uma nota, cujo seria preciso para que com estes sinos se pudessem tocar algumas peças de música.*

*Pena é o não se ter levado isso a efeito para que então os sinos de quando em vez nos deliciarem os tímpanos do órgão auditivo com as notas alegres que a música nos traz, que, por momentos nos faz subir às regiões celestes do infinito, ao contemplar o som alegre das suas sentidas notas.*

Também a mesma música nos traz o som triste e unério que nos leva a cogitar no mistério do infinito desta vida, o que nos faz algumas vezes saltar as lágrimas dos olhos, como bálsamo santificado que nos há-de remir as culpas.

Cremos, por isso, que os paroquianos que tanto se teem eviden-

*ciado no sacrificio já feito para levar a bom termo as obras da igreja, também hão-de fazer com que êsse sino apareça um dia para coroar a obra que o amor bairrista levou o efeito.*

Lemos isto tudo que aí fica, com as lágrimas penduradas. E em virtude de ter calado em nossa alma a aflitiva súplica dêste poeta de Aves, que declara alto e bom som que só falta um sino, cujo seria necessário para produzir uma nota, não queremos de forma alguma que os paroquianos deixem de deliciar os tímpanos do órgão auditivo e resolvemos abrir nas nossas colunas uma subscrição nacional.

Com o produto da mesma comprariamos uma gramática para o correspondente do *Janeiro* e adquirirmos o sino para a igreja, para subir às regiões celestes do infinito as almas dos aviadores ao contemplar o som alegre das suas sentidas notas.

E quanto ao som triste e unério (?) que nos leva a cogitar no mistério do infinito desta vida, ficamos a cogitar que o infinito desta vida cria muitíssima criatura que não deveria comer o milho amassado.

Como veem, uma vez lançada a ideia desta subscrição, já nós ficamos convencidos de nos termos evidenciado no sacrificio já feito para levar a bom termo as obras na igreja da risonha freguesia de Aves, que não tem culpa de lhe levarem a baptizar um anabaptista de nascimento.

E aí fica a nota que lhe falta:

MARIA RITA . . . . . 2\$50

## Edilhando a Lira

### O amor moderno

O amor é uma criança  
Que as suas flexas nos lança  
Ao mais leve retesar  
Da sua arma certaíra.  
Mas essas setas não vão  
Direitas ao coração!  
— Vão-se cravar  
Na carteira!  
.....  
— E' a mesma direcção.

Traz os olhitos vendados  
Pra não ver os almeçados,  
E às cegas tenta ferir.  
Pobre amorzinho tão loiro!  
— Que importam olhos cobertos,  
Se tens ouvidos abertos  
Para ouvir  
O som do oiro?

Era amor o que sentias  
Quando há tempos me dizias  
Ter's-me um afecto tenaz?  
Longe de mim tal cegueira!  
Eu não julgo o amor pateta!  
— Não vê, mas não lança a seta  
A quem não traz  
A carteira!

Dr. KNOX.

## O NOSSO SORTEIO

Realizou-se no passado sábado o sorteio dos aparelhos radiofónicos dos Stands reunidos de CIVILIZAÇÃO e MARIA RITA.

Damos a seguir os números premiados:

R. C. A. . . . . 4.861  
Lumofone . . . . . 21  
Grafonola . . . . . 1.661

Parabens aos felizes.

## JOÃO AUGUSTO RIBEIRO

Faleceu nesta cidade o illustre artista pintor e professor do Instituto Industrial, sr. João Augusto Ribeiro.

Trata-se de alguém que, pelos seus múltiplos talentos e invulgaríssima cultura científica, marcou no nosso meio um lugar de justo destaque.

MARIA RITA apresenta a tóda a família do illustre artista o seu cartão de pesar.

## Há certa diferença...

Tóda a gente que ainda não foi a Paris, fala na tórrre Eiffel como de uma das cento e sete maravilhas do mundo.

Afinal, a sobredita cuja tórrre é uma coisa parecida com a idem dos Clérigos. Mas em esqueleto, porque até hoje nenhuma alma caridosa se lembrou de a revestir de cimento armado.

Tem ascensor, mas não tem bola. E, se tivesse, não era "bola"; era "bille" — o que sempre faz diferença...

O melhor remédio para provocar a insónia é, sem dúvida, a mulher com quem se casou. Ela transtorna os nossos hábitos para gáudio da sua maldade.

## Coroas & Cartolas

IX

HITLER

o Charlot da política alemã



Oxalá que os filmes dêste sujeito não venham a resultar em tragédia como os do cómico de Hollywood.



...E SIGA RUSGA!

Versos de pé quebradora o rancho MARIA RITA



Dr. Bento Carqueja

O meu amor amou,  
foi às amoras ao mato.  
Quando vires um homem feio,  
chama-lhe logo Torcato...

S. João adormeceu  
num portal da Bainharia.  
As mças deram com êle...  
—E' caso p'r'á Tutoria...

O nosso Cunha da Raza  
quis ter cascata de luxo.  
Mas ficou com ela em meio  
por lhe faltar o repuxo...

Com a falta de dinheiro  
e por 'star sempre a chover,  
quem comprou chapéu de palha  
tem por fôrça de o comer...

S. João tem um cordeiro  
pessoal e intransmissível.  
Dá marradinhas às mças  
que até parece impossível!

Se o Inverno continua,  
nas pobres rusgas, coitadas!,  
ficam os bombos sem pele  
e as rabecas descoladas...

A mulher que Deus te deu,  
se a tratas mal, mal parece...  
A mulher é um cavaquinho:  
se desafina, aborrece...

Quem tem filhinhos pequenos  
e não os quer ver chorar,  
leve-os ao Tito Cameira,  
que tem leite p'ra lhes dar...

S. João, p'ra ver as mças,  
pediu-lhes p'ra ir lá casa.  
mas não apar'ceu nem uma,  
foram tôdas para a Raza.

S. João rapioqueiro  
passa os dias a dar ais  
e a pedir a Deus que o faça  
como o Aníbal de Moraes.

O' meu rico S. João,  
ó meu Santo milagreiro!  
Vê-me se me fazes bonito  
como é o Júlio Ribeiro.

Vê se fazes um milagre,  
ó meu rico S. João,  
de me tornares em Vinagre,  
ou no Borges ou no Irmão.

Já comprei um alho grande,  
já comprei um mangerico.  
Se compro mais inda morro  
como morreu um gerico.



Aníbal de Moraes

S. João, se és meu amigo  
e tens dons celestiais,  
dá-me um chapéu igualzinho  
ao do Armindo de Moraes.

Se eu o tivesse, ó meu Santo,  
não voltaria a comprar  
daqueles vasos que é d'uso  
durante a noite empregar.

S. João adormeceu  
nas Escadinhas da Esnoga.  
O Barros Basto encontrou-o,  
levou-o p'r'á Sinagoga...

S. João tem um cordeiro  
de dar corda pelo pé.  
E' da casa Reis & Filho,  
todo em prata «repussée»...

Que é feito do S. João,  
que há tanto tempo o não vejo?  
Anda a aprender a tocar  
gramofone e realejo...

S. João ao «Escondidinho»  
foi co'o carneiro de prata.  
A' saída nunca mais  
atinou com a cascata...

S. João, guarda o carneiro  
e não te fies em tretas.  
Com a crise, inda t'o comem,  
qualquer dia, em costeletas...

A Senhora da Avenida  
vai fazer um peditório  
para ver se os seus Meninos  
entram p'r'o Conservatório...

A D. Aurora Jardim  
Aranha, tomou-lhe o gôsto.  
Vai fazer uma conf'rência  
contra a iodagem do rosto...

D. Maria de Lourdes,  
«disease» de fama imensa,  
não pôe iodo na cara  
pois já o tem de nascença...

Por causa de Salomé  
dançando airosa e travessa,  
Herodes perdeu o pé,  
S. João perdeu a cabeça.

E ao saber que S. João  
já sem cabeça jazia,  
disse o Dantas ao Leitão:  
— Pode vir p'ra a Academia.

S. João, junto ao Mar Morto,  
cobriu-se com boa capa  
e fêz do direito torto:  
tal qual a Mesa da Lapa.

S. João fazia versos  
às raparigas de Gaza.  
Herdou os seus manuscritos  
o senhor Cunha da Raza.

S. João veio a Lisboa,  
em combóio de primeira,  
só para ler os poemas  
de outro João que é Ferreira.

S. João! Levai-me convosco  
para o Rio de Janeiro!  
Quero ver se enfim apanho  
os juros do meu dinheiro.

S. João, p'ra ver as mças,  
foi para a porta do Lino.  
Disse o Aníbal de Moraes:  
— «Já cá 'stá outro, menino!»

S. João, vendo a pequena  
da Avenida assim ao léu,  
teve tanta, tanta pena,  
que a cobriu co'o seu chapéu.

Vendo os bombeiros ao longe,  
S. João deitou a fugir:  
teve mêdo que o matassem  
por lhe qu'rerem acudir.

S. João matriculou-se  
nas aulas de Anatomias.  
O professor expulsou-o  
por não ter anomalias.

S. João adormeceu  
nas escadas da Ribeira,  
ouvindo uma conferência  
do grande Antero Moreira.

O S. João foi pedir  
aos Meninos da Avenida,  
aquilo que lhes sobeja  
p'r'á jovem Desconhecida...

S. João adormeceu  
ao pé das mças bem feitas.  
O Carneiro fêz o mesmo:  
pôs-se a tremer as maleitas...

Anda saltar a fogueira,  
Maricotas, meu diacho.  
Mas olha lá como o fazes,  
que S. João 'stá por baixo!

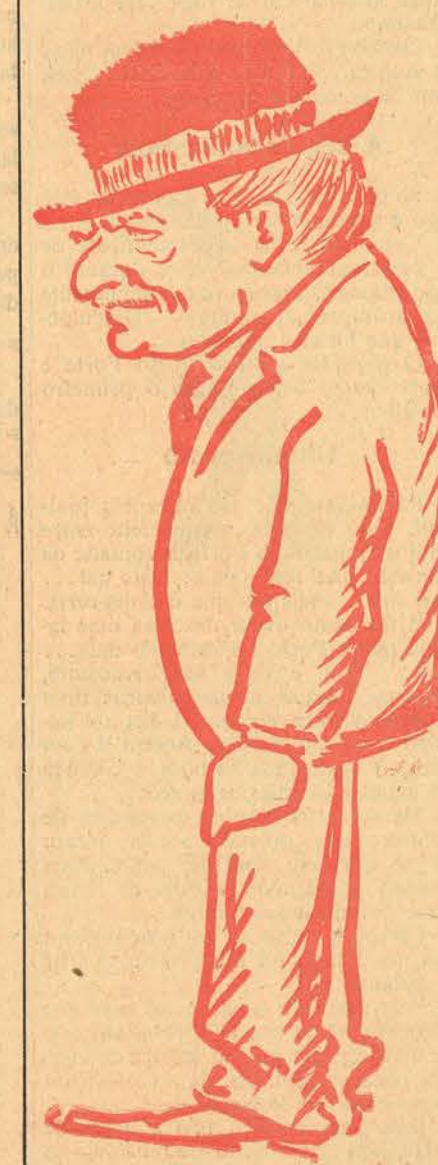
A Senhora da Avenida  
é menor e vacinada.  
Com tanto «chauffeur» à volta,  
qualquer dia está casada!

Santo António aconselhou  
ao S. João, uma vez:  
— Aprende a bater o fado,  
se queres ser português!

Um combóio... A procissão...  
— Isso já não vale nada! —  
Cascata é a minha sogra,  
— e tôda movimentada!

S. João, p'ra ver as mças,  
Pôs no jornal a balela:  
— Cavalheiro respeitável  
Procura jovem donzela.

'Stá S. João na cascata  
a pensar o dia inteiro:  
— Tanta mça por aí,  
e eu sôzinho c'o carneiro!



Francisco Borges



Júlio Ribeiro

— Maricotas, vem daí! —  
berrava-lhe eu, muito alto.  
Sôbre as fogueiras, não queres  
dar comigo um grande salto?

S. João, grande marau,  
Deixa as moçoilas folgar!  
Não há noite como esta,  
p'ra o mundo não se acabar.

Não sei como a Maricotas  
arranjou um tal sarilho.  
Num ano foi só ao fogo,  
no outro levava um filho.

Meu amor, tanto cantaste  
orvalhadas, orvalheiras,  
que só agora percebo  
porque tens essas olheiras.

S. João quebrou dois ovos  
n'um copo de bagaceira.  
Fêz assim uma gemada  
para o «speaker» Laranjeira.

S. João, quando estudante,  
andava de vila em vila  
dizendo «A morta galante»  
com o Raúl Caldevila.

Era uma linda figura,  
todo distinto e garboso.  
Traçou-lhe a caricatura  
o lápis de Monterroso.

Ouvindo o Doutor Amílcar,  
pôs-se mais nu do que um ôvo  
e deu a pel' de cordeiro  
aos irmãos Calheiros Lobo.

S. João enrouqueceu  
depois de um longo sermão.  
Disse-lhe o Lopes Vieira:  
— Vá p'ra as águas de Monsão!

Mas êle, com mais virtude  
e amigo da segurança,  
foi p'ra a Casa de Saúde  
da Duquesa de Bragança.

S. João mandou ao Pôrto  
um correio oficial  
p'ra saber quando está pronto  
o paço municipal.





## O dia de domingo

No passado Domingo, pouco houve de sport, a-pesar-de se fazer sport por tôda a parte. No Académico, o atletismo campeou. Em Gaia o desafio de anos também decorreu animado. No Rio Douro, tiveram as honras da tarde os barcos à vela. E no campo da Constituição, houve um desafio especial, que em teatro se costuma chamar benefício.

Comecemos pelo primeiro, para não nos furtarmos às regras desportivas, que são quasi sempre diferentes das regras da boa educação.

Chama-se atleta a todo aquele magrzelas que se mete a fazer sport, tanto faz que seja tuberculoso por simpatia, como uma torre por inclinação, como a de Pisa.

No Domingo, no Lima, houve, como é de uso nesta especial idade, corridas bastante com... corridas, saltos em comprimento, que estenderam alguns ao comprido, e saltadores que foram muito comprimentados.

**5:000 metros** — Prova comparável à volta a Portugal do José Tanganho, que Mário José ganhou cheio de coragem e de fé.

**Lançamentos** — Do disco, do martelo, do dardo, e do que às vezes temos no estômago. Concorreu o saudável Alexandre Herculano Mendes, que, como o nome indica, é um Hércules do tamanho da Légua da Póvoa. Campeão do Martelo, é o terror dos pregos "meia galiota".

**100 metros** — Ganhou-os o Salsa costumado. Fininho, nervozinho, encaracoladinho, mete os pés a caminho, e lambe os 100 metros em 10 segundos e quatro quintos. A marcação deste tempo, que quasi não dá tempo a marcar, deu engulhos a alguns cronómetros de pulso. Não admira; as doenças de coração aceleram os relógios. Também houve quem visse a ôlho nu na igreja dos Clérigos!... E' uma questão de *miopice*... E como complemento houve a corrida dos

**4x400**, o que, trocado em miúdos, quer dizer: por estafetas estafadas. Esta prova provou pelo menos que a assistência se interessa por estas coisas. Houve gargantas que se tornaram afónicas a berrar pelos seus homens. Ganhou a equipe do *Pôrto*, que estava fora da Constituição.

No Domingo há mais. Fazem favor de ir ver, para que não tenhamos o trabalho de relatar.

### Foot-Ball e Hockey

No Campo da Constituição houve um desafio amigável entre o primeiro grupo do *Pôrto* e o União de Coimbra,

em festa do Josefe Çabô, como lhe chama o José Sanches.

Em antes de começar o jôgo, houve um desafio de Hockey entre o *Pôrto* e o Boavista. E' um jôgo jogado com bengalas (ponteira na mão e castão para baixo) pelo mesmo número de jogadores que em *Foot-Ball*, vestindo os guarda-rêdes escafandro.

Jôgo muito interessante para ser jogado em família, pois que é de uma correcção e amabilidade extremamente comovedoras.

Estes jogos, para variar, são dirigidos por dois árbitros, podendo a assistência insultar um de cada vez. Diver-tidíssimo.

Ganhou o *Pôrto* por 2-1, o que não é de admirar, pois que o Boavista jogou com 10 homens e meio.

### A seguir Anda-Bola

Só para contrariar os sapateiros, êste jôgo é proibido ser pontapeteado.

Como tal, e na impossibilidade de se passarem rasteiras, vê-se durante o jôgo uns atestados estalos que geralmente são acompanhados dum — "Desculpe-me, que foi sem querer".

O jôgo foi entre o *Pôrto Forte* e Sport Fraco, tendo ganho o primeiro por 10-0.

### Último prato

*Pôrto-União* de Coimbra em foot-ball. Jôgo de festa, mesmo feito entre amigos, jogando o *Pôrto* à vontade da bancada, que lhes pedia: mais um... mais um... mais um que é conta certa.

E foi como quem descasca uma laranja que o *Pôrto* foi metendo uma... duas... três, e assim sucessivamente, até onze, alguns de verdadeiros tiros de pistola (sem reclame à fita da Batalha) e um ou dois do Acácio já com a laranja descascada na bôca, a comê-la e a mandar os caroços às rêdes.

Merecem felicitações os rapazes de Coimbra que, sabendo perder, foram até ao fim com vontade, tendo desta maneira coseguido a bola de honra como prêmio dêsse esforço.

Parabens também ao guarda-rêdes que neste jôgo foi um perfeito mártir de trabalho.

Pela narração acima conclue-se que o *Pôrto* ganhou por 11-1, resultado que faz uma capúcia que lhe servirá de mascote para os espinhos da meia-final do Campeonato de Portugal.

Esta festa acabou, não a horas de jantar, mas sim a horas de uma ceia na Tibúrcia...

## Protecção à Infância Desvalida

A MARIA RITA está sempre ao lado de quem bem merece da humanidade. E assim, não pode deixar de manifestar o seu apoio à obra de saneamento moral que a Liga de Profilaxia Social, com o apoio das autoridades do *Pôrto*, quer levar a cabo na Cordoaria Velha.

Realmente, não se compreende que os alunos das escolas comerciais do Infante D. Henrique, Oliveira Martins e Mousinho da Silveira vão acabar o curso na Cordoaria Velha. Se é certo que a um ou a outro dos alunos faltam diversas cadeiras, não se compreende que as vão tirar em casas dessa rua.

E' o que se chama ir buscar frequência a casas mal frequentadas...

Só se admitiria a privação com vadios e gatunos aos alunos do curso de comércio. Desta forma iriam praticando aquilo que tão preciso lhes seria mais tarde.

E afinal, sabe-se lá quantas vocações se não refrearão com as ordens profiláticas da policia! Quantos fadistas de salão, quantas vozes lindas no futuro!

Saneie-se a Cordoaria Velha! Mas crie-se ao menos uma cordoaria nova, para uso profilático da mocidade radiante!

**ALUGA-SE** um chapéu de palha do ano passado. Esplêndido contra o sol e contra a crise das subsistências.

### A invasão dos bárbaros



— E que representa êste quadro?  
— A invasão dos bárbaros.  
— Isso já eu tinha percebido.



DE

ARRIPIAR

VITAVO  
ZERZIO

CABÊLOS

## RAZÕES DE ESTADO

para reis que esquecem que o tomaram

Banzo, de olhos arregalados, reli essa sensacional notícia que tódas as edições da tarde badalavam em grossa parangona:

«BASUTOLANDIA, 3 — O nosso Augusto Carólus rei Augustus desapareceu ontem misteriosamente. Depois de ter almoçado alarvemente dirigiu-se, com opostas intenções, ao régio gabinete preparado para tal fim e nunca mais foi visto. Andam no encalço do seu excelso rasto trezentos dos nossos melhores policiaes, mas até este momento, nada de positivo se sabe quanto à sua egrégia pessoa.»

Seria possível, assim, em pleno coração da velha e civilizada Europa, desaparecer um dos representantes mais lídimos da pre-histórica dinastia dos Czarechovenistovitch sem o mais leve rasto? Rapto político? Suicídio amoroso? Sim, inclinava-me para a segunda hipótese, tanto mais que se rosnavam uns certos zuns-zuns em que entrava uma primeira bailarina da Opera Imperial.

Cogitando, remoendo os mais absurdos pensamentos íntimos, fui dolorosamente surpreendido pela entrada súbita, ruidosa, do meu sempre bem recebido amigo e célebre detective Philéas Chamiço.

Vinha açodado, tomatoso (digo tomatoso e não comatoso porque o vi chegar vermelho como um tomate).

Usando a nossa habitual linguagem monossilábica, lacónica, depressa percebi o motivo da sua visita.

- Lêste?
- Li!
- Percebeste?
- Percebi.

Foi então a minha vez de lhe perguntar:

- E's tu?
- Sou!
- E vais?
- Vou!

Quería isto dizer, caro leitor que és pouco versado em línguas semi-mortas, que era a êle, ao Philéas que tinham incumbido de encontrar o desaparecido monarca Carólus Augustus Czarechove... (deixem-me tomar fôlego no meio!)... mistovitch! Uff!...

Sem voltar a trocar qualquer palavra com Philéas (para quê, se bem sabia que o devia acompanhar à Basutolândia?) pus-me a fazer as malas, não sem, contudo, deixar de monologar cá muito para mim: «Que honra p'ra família!»

Meia hora depois partíamos num dos grandes expressos trans-europeus, transcendentes transportes para transpor vertiginosamente grandes distâncias.

Como cronista fiel dêste misterioso caso policial, devo dizer que tivemos, já próximo da fronteira dêsse país, um pequeno acidente ferroviário em que morreram cinqüenta pessoas, felizmente tódas elas passageiros de 1.ª classe. Nós viajávamos em terceira!

Instalados num dos mais luxuosos hotéss da

cidade, tomados um pequeno banho e um grande pequeno almoço em breve recebemos a visita do chanceler do reino, o senhor... (não digo o nome dêle porque já me engasguei duas vezes ao tentar pronuncia-lo).

Depois duma breve conferência que durante dez horas nos teve presos da palavra do chanceler, tendo na mão todos os dados que nos interessavam, pusémo-nos em campo.

Começáramos pelo cabaret chic da cidade, o majestoso *Kindergartenpâtast*. Mas como lá, por causa da moral, só se admite a entrada a casais (assim, nenhum homem pode ir para ali



desejar a mulher do próximo) forçoso foi que um de nós se *travestisse* de mulher. Caiu a sorte ao Philéas, que não gostou nada da piada.

Uns traços de *baton*, umas papadas de pós de arroz, uns farrapos a dar ao peito um ar mais tofado, e eis-nos, de braço dado, a caminho do *cabaret*. Numa rua mais escura, fôsse pela *toilette* feminina do meu amigo, fôsse lá pelo que fôsse, não resisti à tentação de lhe apertar o braço suavemente, persistentemente.

Chegamos. Uma entrada majestosa, luzes aos trique-traques, porteiros muito triques, senhoras aos... milhares. Cômódamente, fomos abancar num recanto que abrangia a sala tódá, não longe da música. Por tódá a parte, pares com mulheres esplendorosas. Eu, pela minha parte, também não fazia má figura, porque, maldita obsessão, reparando bem, o Philéas estava de se lhe tirar o chapéu.

A música atacou um *fox* moderníssimo. Todo o mundo se atirou à dança. Nós, para não darmos nas vistas, dançamos também.

Ah! como é vertiginosa, tóxica, arrebatadora, a dança num *cabaret* de luxo! Valeu-me, para não perder a linha, o sentir de encontro ao meu peito, os trapos mal amanhados do colete de Philéas. Por duas vezes já, que um Ferrabraz barbudo se tinha inclinado para o rosto do meu

amigo, segredando-lhe não sei quê. Começava a ter... inquietações.

De novo sentados, cochichou-me o Philéas, enquanto mandava vir «mais meio do roxo» que eu traduzi ao criado por uma garrafa de «velho Chandon»:

— O homem é meu!

Caí das nuvens. E mais atônito fiquei, quando vi o homemzarrão barbudo levantar-se e pedir-me para dançar com o Philéas. Vi-os perder-se no rodópio da valsa, muito unidos, felizes. Quem não gostou nada da brincadeira foi a companheira do grandula, que, no seu lugar, bufava como uma forja acesa.

No fim da dança, a outra, furiosa, levantou-se e atirou-se ao meu amigo com unhas e dentes. Este, para se não denunciar, viu-se obrigado a defender-se com as mesmas armas ou seja à arranhadela também. A-pesar disso ficou com a cara num bôlo. A outra, com um ataque histérico, foi levada para fora da sala. Então o matulão aproximou-se e mastigando umas desculpas, sentou-se à nossa mesa.

Desculpando-se sempre, disse não ser costume, no seu país, cenas como aquela. Que os seus compatriotas eram bons, ordeiros, etc.

Philéas, furioso, com a cara em sangue, berrou-lhe:

— O que o senhor é, é um carola!

O outro, assombrado gaguejou:

— Quem lhe disse o meu nome?

Involuntariamente, tínhamos descoberto o paradeiro do rei. Philéas pegou-lhe na deixa.

— Sei tudo. E sei também quem é a mulher que acompanha sua magestade. Sei que as suas barbas são postícias. Sei...

— Basta, menina, basta! disse-lhe o rei sucumbido.

— Menina? Berrou Philéas Chamiço, prestes a saltar para a cara do monarca, agora com tódas as artes do velho murro português.

— Um homem então? Um policia, naturalmente!

E sem a menor sombra de dor, pôs-se a arrancar, desesperado, grandes punhados da barba postícia.

Philéas, tentando convencê-lo, disse-lhe mais humano.

— Venha, magestade! Deixe esta vida falsa, fútil, de bailarinas e *cabarets*. Esperam-no no palácio a rainha-mãi, a princesa-filha, o príncipe-tio e a infanta-sobrinha. E então sua augusta espôsa? Há quanto tempo já que, à procura do seu régio espôso tem andado a consorte?

O rei Carólus, baixinho, repetiu:

— Tem andado com sorte! Não haja dúvida!

E' o que se chama fazer uma conquista e... Arrancando a barba tódá:

— ... e peras!

Dr. KNOX.





Para o mote

*O meu amor fecha os olhos,  
Quando lhe falo de amor.*

recebemos as seguintes

### GLOSAS:

Vida d'amor é de escolhos!...  
Em havendo olhos de pejo,  
Se lhe peço enfim um beijo,  
*O meu amor fecha os olhos!...*  
Inda se fôssem zarolhos,  
Seu gesto tinha valor...  
Mas, mal não deve supor,  
Era êrro manifesto!...  
E repete o mesmo gesto,  
*Quando lhe falo de amor...*

**Alfredo Cunha (RAZA).**

Quando falo nos pimpolhos,  
Que puseram na Avenida,  
Ou em qualquer outra vida,  
*O meu amor fecha os olhos.*  
Mas, com piadas aos molhos,  
Eu faço andar a vapor,  
Desde a enfermeira ao Doutor,  
Desde o abade ao sacrista.  
O meu amor perde a vista,  
*Quando lhe falo de amor!*

**Rutra SEUQRAM.**

Ai! Quando por entre os folhos  
Do seu vestido da cassa,  
Eu meto a mão por chalaça,  
*O meu amor fecha os olhos;*  
Pois esta vida de abrolhos  
Que nós passamos leitor,  
Poder transformá-la em flor  
E' o que a gente deseja.  
E por isso ela me beija,  
*Quando lhe falo de amor.*

(Açôres).

**Zé BARÃO.**

Usando saias de folhos,  
D'um requinte verdadeiro,  
E tendo muito dinheiro  
*O meu amor fecha os olhos.*  
Não quer vinagre nos molhos  
A conselho do doutor,  
Pois tendo tido uma dor  
Disse-me n'esse momento.  
Que eu era um forte jumento,  
*Quando lhe falo de amor.*

**Zé do NORTE.**

Dar beijos dou-os aos molhos  
Na bôca... seja onde fôr.  
Nos grandes beijos d'amor  
*O meu amor fecha os olhos.*  
Com seu vestido de folhos  
E' p'ra mim uma raíinha  
Vivo dizendo que é minha  
E, n'esta contemplação,  
Bate-lhe o coração  
*Quando lhe falo de amor...*

**LIZÉ.**

Para o próximo número, continua o mesmo mote.

## Um banquete no Hotel Sul-Americano

### Comer... beber... falar...

No dia 5 do andante, como dizem os brasileiros, (e êles dizem andante mas nós é que *andamos* com a massa) resolveram os novos proprietários do Sul-Americano, dar um banquete atestado para solenizar a abertura da época, sob a nova gerência.

Um amável convite chamou a MARIA RITA a assistir à paparoca, à qual presidiu o Sr. Administrador do Concelho, impecável na sua casaca Brumelesca, por entre a qual alvejava o peitilho fãscante da camisa, produto nacional duma fábrica de Guimarães, a dez escudos o metro, sem desconto.

Ladearam Sua Ex.<sup>a</sup>, à direita, o Sr. Dr. Manuel Bravo, e à esquerda, o Sr. Dr. Alfredo Pinto, que durante o banquete foi explicando ao Sr. Administrador o moderno processo de aplicar as águas sulfúrosas às ditaduras, e de por meio de injeções, conseguir o ressurgimento.

A restante assistência era tudo rapaziada fixe: os nossos queridos camaradas Francisco Seara, Elísio Gonçalves e Vasconcelos, representantes da imprensa tripeira; o Baptista Ribeiro, da imprensa bracarense, bom e leal amigo; o Miguel Teixeira, correspondente do «Notícias», bairrista dos quatro costados; o Sr. Dr. Joaquim Tôrres; o Sr. Gaspar Couto, secretário do Sr. Ministro da Agricultura, etc.

### Toca a avinçar!

#### Comezaina e Verborreia

O menu, esplendidamente servido à francesa, foi rapidamente devorado à portuguesa, havendo duas horas de fraternal mastigação, em que todos os estômagos estiveram de acôrdo.

Brindaram: o Sr. Administrador de Guimarães, em nome do Sr. D. Afonso Henriques, importante acionista de diversas companhias de cortumes; Elísio Gonçalves, do «Comércio do Pôrto», representando a imprensa, que numa brilhante preleção sôbre o carvão, a lenha e a *carqueja*, fêz a apologia desta última; o Sr. Secretário do Ministro da Agricultura falou sôbre as borbulhas dos diversos narizes, mostrando assim os seus conhecimentos na veruga das *batatas*; o Baptista Ribeiro, num eloquente improviso, agradeceu em nome do Longuinhos, o convite feito aos bracarenses; e o compincha Vasconcelos, num rasgo de oratória demostênica, elogiou o vinho da região que é, como todos sabem, a melhor água de Vizela.

Terminou a série, o nosso Seara, cada vez mais novo e mais formoso,

que em palavra fácil e elegante, fêz o elogio das damas vizelenses, das quais exalçou a formosura, o *charme*, a graça e mais dotes adjacentes.

### Várias notas

(sem piada ao Paulo Freire)

No fim do banquete, a-pesar-da conversa que o Sr. Administrador teve com o Sr. Dr. Alfredo Pinto, êste continuava sentado à esquerda... Não há maneira de o fazer passar para as direitas!

Duas senhoras imprimiram à festa uma nota de gentileza e distinção, as ex.<sup>mas</sup> espôsa e cunhada de Francisco Seara. Duas, não. Três! Porque a D. MARIA RITA também é uma Senhora.

Aos novos proprietários do Hotel Sul-Americano, honestos e infatigáveis trabalhadores, conhecedores conscienciosos da difícil indústria hoteleira, agradecemos todos os obséquios recebidos, desejando-lhes milhares de hóspedes e milhares de escudos.

### Ainda o encalhe do «Gaus»

Sabemos de fonte segura em companhia estrangeira, que o Concelho Administrativo do C.<sup>o</sup> Carris de Ferro do Pôrto, resolveu encomendar um vapor propositadamente para encalhar à entrada da Barra do Douro.

Mais resolveu lançar na acta um voto de sentimento pelo salvamento do «Gaus».

### Os grandes distraídos



A distração do violoncelista



**Quem é?**

Dizem que êste franciscano,  
 Ao rezar a oração,  
 Mistura as contas do Estado  
 Co'as contas que tem na mão.

É novo, mas é dos tezos,  
 — A êle ninguém o tomba —  
 E se adora o S. Francisco,  
 Também reza à Santa Comba.

**FERVIDO.**

**Anexim**

E' caçador o Simões,  
 mas não s'tá p'ra se ralar.  
 Volta de mãos a abanar,  
 se não vê caça aos milhões...

O José acha-lhe graça  
 ao ver calada a espingarda:  
 — «Espera, filhinho! Aguarda!  
 "....." (?)

**ZENÓFILO.**

Decifrações do último número: — *Quem é?*  
 Aurora Jardim Aranha. — *Pergunta:* Ramada  
 Curto. — *Anexim:* Quem muito dorme, pouco  
 aprende.

*Decifradores:* — Cardial Mira, Brancuras,  
 Xenofonte, Rutra Seuqram, Zé Barão.

**As semanas e a "Semana"**

São semanas aos montões,  
 Semanas disto e daquilo:  
 A semana dos melões,  
 Mais a semana do grilo.

Semana da laringite,  
 A semana da morfeia,  
 Semana d'apendicite,  
 Semana da diarreia.

A semana do trabalho,  
 A semana do pinheiro,  
 A semana do carvalho,  
 — Só falta a do marmeleiro! —

Com tantas, tantas semanas,  
 — Tôdas d'intuitos humanos, —  
 Ou temos d'encolher dias,  
 Ou d'alargarmos os anos!

Já são semanas de mais,  
 E' melhor pô-las de mólho  
 — Cesse a semana do grêlo  
 E a semana do repólho!

Áiem tôdas as semanas,  
 Dêem-lhe um laço ou um nó,  
 P'ra que de tanta semana,  
 Fique uma «Semana» só,

Pró Juliano e o Brochado,  
 — Dois rapazes duma cana, —  
 Fazerem dessa semana,  
 A semana da «Semana».

**FERVIDO.**

**O senhor Atrasado**

Nasceu atrasado e atrasado andou  
 tôda a sua vida. Começou por vir tarde  
 a êste mundo, chegando com atraso de  
 dois dias, já quando o pobre do pai  
 julgava ter havido descarrilamento no  
 túnel, e a desventurada da mãe se estor-  
 cia num delírio de dores, empregando  
 esforços sôbre-humanos para que o  
 petiz chegasse à tabela.

Este atraso, o primeiro da série  
 interminável, foi, como todos os outros  
 que se lhe seguiram, um atraso feliz,  
 benéfico, providencial. De todos os  
 atrasos, durante tôda a sua vida, colheu  
 sempre proveitos, favores e alegrias.

Se tivesse chegado a êste mundo na  
 hora em que era esperado, não o tinha  
 esperado ninguém. — Oh! substancioso  
 paradoxo! — Assim, como veio atra-  
 sado, estavam à sua espera na estação,  
 três médicos, a parteira, quatro tias,  
 duas criadas, e o pai que com a mão  
 no bolso, trémulo e nervoso, se entre-  
 tinha a torcer o bilhete de gare...

\* \* \* \* \*

Na escola era o aluno menos classi-  
 ficado. Todos lhe chamavam o Atra-  
 sado. Os companheiros passavam de  
 classe para classe e êle continuava nas  
 primeiras letras, ignorante e estúpido,  
 como se estudasse tanto ou mais que  
 os outros.

Dizia-lhe a mãe: — «Tu não tens  
 vergonha de seres o mais atrasado de  
 todos?»

— «Isto é sina que tenho a comprir.  
 Deixe lá, minha mãe, quanto mais atra-  
 sado melhor.»

E tinha razão, o nosso amigo Atra-  
 sado. Os seus condiscípulos terminaram  
 os cursos e tiveram a infelicidade de se  
 verem guindados a médicos, advoga-  
 dos, oficiais do exército, engenheiros,  
 etc., enquanto que o Atrasado conti-  
 nuou sendo coisa nenhuma, que é a  
 melhor coisa que se pode ser nesta  
 vida.

\* \* \*

Um dia vieram convidá-lo para um  
 passeio. Era preciso estar na estação,  
 às 9, sem falta, para se não perder o  
 combóio. A's dez chegou o Atrasado,  
 suado e esbaforido, e deram-lhe logo a  
 agradável notícia que o combóio onde  
 iam os seus camaradas, tinha chocado  
 violentamente com outro, ficando em  
 estilhas, e não escapando um passageiro  
 para amostra.

Providencial atraso! exclamou o  
 Atrasado, esfregando as mãos e o resto  
 do corpo.

Doutra vez pediu cinco contos em-  
 prestados ao seu compadre amigo Teo-  
 tónio. Eram dois homens de palavra e  
 por isso dispensaram documentos que  
 autenticassem a dívida. O Atrasado  
 comprometeu-se a pagar o dinheiro  
 passado um mês; no dia 20 de Março  
 o reembolsaria.

Porém, atrasado mais uma vez, só  
 no dia 22 é que se lembrou do com-  
 promisso e correu logo a casa do com-  
 padre para efectuar o pagamento. Uma  
 surpresa o esperava; o compadre tinha  
 morrido na véspera, de repente, fulmi-  
 nado, sem dizer água vai ou vinho  
 vem!

E o Atrasado, apalpando os cinco  
 contos que trazia no bolso, dizia com  
 os seus escudos... que eram do outro:

— Se eu não viesse atrasado, era  
 quanto perdia!

O nosso herói resolveu casar. A ce-  
 rimónia estava marcada para as dez.  
 Deram onze, deram doze, deram treze  
 (a-pesar-de se ouvir só uma) e nada de  
 aparecer o noivo!

A noiva, chorosa, olhava, de soslaio,  
 meia desconfiada, para a flor de laran-  
 jeira; o padrinho arrepiaava o pêlo da  
 cartola; e o sôr abade, bondoso e saú-  
 dável, estava quasi capaz de se oferecer  
 para substituir o noivo, julgando-se  
 apto para desempenhar o papel. A's  
 duas da tarde a espera tinha enervado  
 todos os convidados, e o padrinho  
 resolveu intervir, dizendo paternalmente  
 à noiva:

— «Vamos embora! E não te aflijas,  
 menina, tu arranjarás outro homem que  
 seja mais pontual!»

Então a futura esposa desabafou  
 entre soluços: — «Impossível, padrinho,  
 eu não posso casar com outro.»

Ficaram todos de bôca aberta! O  
 Atrasado tinha-se adiantado pela pri-  
 meira vez na sua vida!...

**LEIDOAR.**







# COISAS DE FORA

## CRÔNICA INTERNACIONAL

Do Chile ao Panamá, passando pelo chapéu de côco

A revolução socialista que teve a sua eclosão no Chile, produziu um efeito incandescente nas cabeças pensantes das Repúblicas da América do Sul. E assim, em tôdas elas vai ser lançada para êste verão a moda do chapéu de Chile socializado.

Consta que os republicanos de Panamá vão lançar um repto aos republicanos de Chile, a ver qual dos dois é de maior duração.

Damos em seguida a nota dos telegramas recebidos:

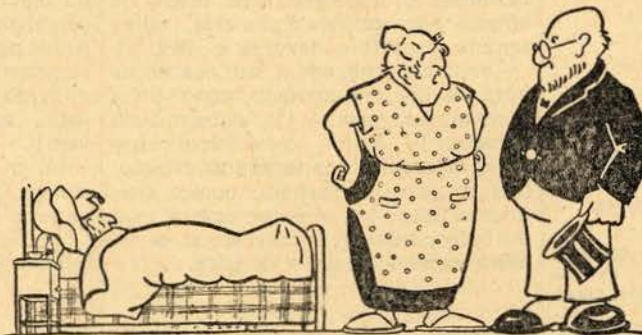
### Na Argentina

*Buenos Ayres, 10*—Nesta capital os aires estão muito turvos. Dizem os geólogos que deve ser da última chuva de cinzas; mas as pessoas autorizadas dizem que não,

e aconselham o trazer-se os chapéus de côco todo o ano. Assim imperará a de-

bole, minha gente. Ninguém pode sair à rua com cartolas altas. Foram suspensos os pagamentos das dívidas externas.

### Uma resposta



— É melhor mudarmos de remédio, sr. Doutor.  
— Os supositórios fazem-lhe mal à vista?

### No Peru

*Lima, 12*—O Peru está todo revoltado. Para o Natal vai ser bonito. Com isto da socialização do Chile, o Peru não se deixa comer facilmente. Todos falam do Chile; peruanos, pela boca dos órgãos diários, acolhem com simpatia a revolução chilena.

Nos teatros começaram a aparecer os primeiros artistas da velha sociedade chilena. Foram suspensos os pagamentos das dívidas externas. Julga-se que todos os outros galináceos proclamarão a greve geral de protesto contra as facas dos cozinheiros.

mocracia. Foram suspensos os pagamentos das dívidas externas.

### No Brasil

*Rio de Janeiro, 9*—O Presidente Getúlio autorizou a saída de ouro para comprar 50 submarinos e 100 aeroplanos. Também autorizou o não pagamento mais *funding* nenhum. Foram dadas ordens terminantes para que não sejam empregadas mais toneladas de café na construção de paralelepípedos. Os naturais do Brasil tomam estas medidas com os olhos fechados; mas os sobrenaturais filiam estas precauções no resultado da revolução chilena, que com o seu socialismo pode estragar a igreja de sô Getúlio.

### Na Bolívia

*La Paz, 11*—Reina enormíssima efervescência em toda a República. Um jornal opositor quer à viva força um plebiscito para que seja mudado o nome à capital. Não se admite La Paz quando o Chile está em armas. Na Bolívia já ninguém está quieto. Tudo

### Em Espanha



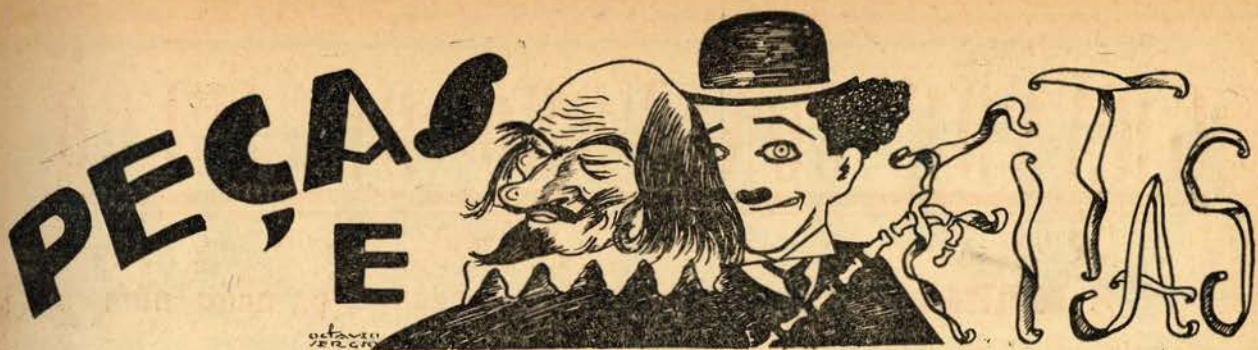
— A nossa República vai muito bem.  
— Sim, homem, até os monárquicos estão contentes...

### Os seguros



— Não se incomode, senhor guardas. O sinistrado tem um seguro de vida na companhia de que sou director.





## Um assassino de belos sentimentos

Peça em 3 assassinatos, um dos quais fatal

### PRIMEIRO CRIME

*A cena representa um atelier de pintura.*

O PINTOR (*para o assassino que entra*)  
— Que deseja o senhor?

O ASSASSINO — Queria submeter à sua autorizada opinião o meu último trabalho (*Tira de debaixo do braço um quadro em tamanho natural representando a Itália*).

O PINTOR (*admirando*) — O' que soberba vista de Nápoles!

O ASSASSINO — Ver Nápoles e depois... morrer, diz um poeta. (*E zás! prega-lhe um murro na boca do estômago*).

O PINTOR — Ai que eu morro! (*E morre mesmo*).

O ASSASSINO (*contente da sua obra*)  
— Ora aqui está um quadro de natureza morta. Que linda morte para um artista! (*Revista os móveis e as roupas do falecido e não encontra senão doze vinténs*). Pobre rapaz. Que penúria! Estes artistas, são todos assim! (*Antes de sair ex-*



*perimenta uma lágrima, e discretamente, pousa uma nota de 100 escudos na mesinha de cabeceira*). Ai fica, para as despesas do entêrro. (*Sai*).

### SEGUNDO CRIME

*A cena passa-se numa repartição pública. Um empregado único dorme por detrás da caixa onde se vê o letreiro de «Fechada» que êle pôs de-certo para não ser acordado em sobresalto.*

O ASSASSINO (*abrindo a porta e entrando*) — Ora aqui está o que se chama um trabalhinho fácil. (*Vai junto ao dorminhoco e mete-lhe pelas goelas abaixo um frasco de tinta preta*).

O DORMINHOCO (*acordando*) — Ai que eu morro! (*E morre realmente de um vômito negro*).

(*Em seguida o assassino tira o dinheiro da caixa, mete-o no bolso, e pegando no letreiro que dizia «Fechada», acrescenta as palavras, «por motivo de falecimento», e vai-se embora*).

### TERCEIRO CRIME

*A cena passa-se num vagão de caminho de ferro.*

O ASSASSINO (*à velhota que vai assentada na sua frente*) — Perdão! Minha senhora! Já terminou a leitura do seu jornal?

A VELHOTA — Agora mesmo...

O ASSASSINO — E o fumo incomoda-a?

A VELHOTA — Não. Estou muito acostumada. Meu marido fumava imenso.

O ASSASSINO — Então corre tudo às mil maravilhas. (*Saca uma pistola do bolso e prega um tiro à queima-roupa na velhota. Esta, sentindo a roupa queimada e ferida de morte, faz um esforço sôbre-humano para tocar na campainha de alarme. Vendo que o não consegue, morre com hombridade. O assassino, fiel à sua delicadeza e vendo que foram infrutíferos os esforços da velhota, puxa êle mesmo o botão de alarme.*

*O combóio foi parar alguns metros mais adiante e o assassino foi parar à cadeia.*



### CARTAZ DE HOJE

*Teatro Rivoli: Companhia Popular de Opereta e Revistas, a Opereta A Cigana.*

*Águia d'Ouro: O interessantíssimo filme A culpa é do Bibi.*

*Olimpia: O maravilhoso filme Dois Corações a Compasso.*

*Trindade: A súper-produção Tabu.*

*Batalha: O grande êxito de Charlot Luzes da Cidade.*



# GRANDE CONCURSO DE JULHO

A **MARIA RITA** iniciará no seu décimo primeiro número a sair em 2 de Julho o seu primeiro concurso

## PIM-PAM-PUM

uma autêntica barraca de fantoches onde os nossos leitores poderão exercitar a sua **mão-certa** ao mesmo tempo que cevar a sua sanha nos bonecos de que não gostam.

---

## Pim-Pam-Pum

### **PRÉMIOS VALIOSOS:**

**3 contos em dinheiro**

**3 contos em objectos**

**É OBJECTO!!!...**

**INTERESSA ◊ É HONESTO ◊ E DIVERTE**

---

No nosso próximo número daremos o plano dêste concurso de

## PIM-PAM-PUM

a que podem concorrer todos os bons e os maus atiradores.